OS AMIGOS DA HUMANIDADE ODEIAM OS MUTANTES: METÁFORAS IDEOLÓGICAS DA EXTREMA DIREITA NA VILANIA POLÍTICA EM *X-MEN*

Savio Queiroz Lima[*]

RESUMO

O trabalho examina as representações e os discursos sobre a Extrema Direita (*Far-Right*) estadunidense da década de 1990, e sobre seus prolongamentos na chamada Direita Alternativa (*Alt-Right*), como vilania política na série de histórias em quadrinhos dos X-Men. Parte da apropriação política das lutas de minorias em *X-Men* se sustenta em relações metafóricas, como no caso do movimento ultraconservador Amigos da Humanidade (*Friends of Humanity*), grupo de ódio antimutante introduzido na franquia em 1992, nas histórias em quadrinhos, e logo aproveitado nas animações televisivas do período. Com base nessas fontes ficcionais, a investigação pretende detalhar, por meio da Iconografia-Iconologia e da Análise do Discurso, entre outros recursos teórico-metodológicos, as manifestações da Extrema Direita estadunidense reconhecíveis nos antagonistas da organização. Histórias em quadrinhos e animações da década de 1990 constituem a base da abordagem historiográfica crítica aqui assumida. Essas representações ficcionais interessam aos estudos de História Política pelo potencial de recepção que o maniqueísmo super-heroico oferece e pela vulgarização do debate político no campo do entretenimento.

Palavras-chave: História Política; Extrema Direita; Direita Alternativa; X-Men.

ABSTRACT

This paper examines representations of and discourses on the 1990s US Far Right, and on its later extensions in the so-called Alt-Right, as political villainy in the X-Men comic book series. Part of the political appropriation of minority struggles in *X-Men* rests on metaphorical relations, as in the case of the ultraconservative movement Friends of Humanity, an anti-mutant hate group introduced into the franchise in 1992, in comic books, and soon incorporated into the television animations of the period. Drawing on these fictional sources, the study seeks to detail, through Iconography-Iconology and Discourse Analysis, among other theoretical and methodological tools, the manifestations of the US Far Right recognizable in the organization's antagonists. Comic books and animated series from the 1990s form the basis of the critical

[*] Doutor em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Mestre em História pela Universidade Salgado de Oliveira (UNIVERSO). Vínculo institucional informado nas publicações consultadas: Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). E-mail: savio_roz@yahoo.com.br.

historiographical approach adopted here. These fictional representations are of interest to Political History because of the reception potential offered by superhero Manichaeism and the popularization of political debate within the field of entertainment.

Keywords: Political History; Far Right; Alt-Right; X-Men.

Introdução

Uma pessoa leitora média, ou mesmo uma telespectadora, assídua ou não, consegue entender o drama dos chamados mutantes da ficção de entretenimento. Esses seres divergentes, em muitas camadas, compõem a mitologia da indústria cultural para transmitir valores por meio de metáforas. Uma franquia bastante significativa, das histórias em quadrinhos ao cinema, é a dos mutantes da equipe de super-heróis chamada X-Men.

A equipe estreou em *The X-Men* n. 1, com data de capa de setembro de 1963, criada pelo roteirista Stan Lee e pelo desenhista Jack Kirby para a Marvel Comics. A premissa era simples: o professor Charles Xavier reunia, em sua escola para jovens superdotados no condado de Westchester, em Nova York, adolescentes nascidos com poderes decorrentes de uma mutação genética, o chamado *homo superior*, e os treinava para proteger uma humanidade que os temia.

Nos primeiros anos, o medo dos humanos comuns aparecia de modo difuso, em multidões hostis e em vilões como Bolivar Trask, criador dos robôs Sentinelas, introduzidos em *The X-Men* n. 14, de novembro de 1965; a equipe, por sua vez, era composta por cinco jovens brancos de classe média. Com vendas modestas, o título passou a republicar histórias antigas em 1970 e só voltou a ter material inédito em 1975, quando *Giant-Size X-Men* n. 1, de Len Wein e Dave Cockrum, apresentou uma equipe multinacional. Sob o roteiro de Chris Claremont, responsável pela série de 1975 a 1991, a discriminação contra os mutantes ganhou centralidade dramática: a legislação antimutante e os campos de detenção do futuro distópico de *Days of Future Past* (1981), o fundamentalismo religioso de *God Loves, Man Kills* (1982), o regime segregacionista da ilha de Genosha, construído à semelhança do apartheid sul-africano (1988). Foi nesse percurso editorial, e não no momento da criação, que a condição mutante se consolidou como correlato ficcional de minorias raciais, religiosas e sexuais (DAROWSKI, 2014; FAWAZ, 2016).

A trajetória da metáfora mutante dos X-Men, associada às lutas políticas por equidade de grupos identitários minoritários, é marcada

por oposições. Na ficção, no epicentro dos anos 1990, o ódio da humanidade àqueles seres marcados por diferenças socialmente reconhecíveis ganhou uma associação: os Amigos da Humanidade (*Friends of Humanity*). Sua representação, sua malha discursiva e seu ideário político os aproximam de posturas conservadoras-reacionárias características do contexto estadunidense da segunda metade do século XX.

Os Amigos da Humanidade surgiram nesse quadro já sedimentado. Criados pelo roteirista Scott Lobdell nas páginas de *The Uncanny X-Men*, em 1992, constituem uma organização de humanos sem superpoderes que se apresenta publicamente como associação civil em defesa da espécie humana e mantém, em segredo, células de caráter paramilitar.

Diferentemente de vilões anteriores, dotados de poderes ou de tecnologia excepcional, o grupo é composto por cidadãos comuns, sob a liderança de Graydon Creed Jr., e sua força reside na mobilização de massas, na propaganda e na infiltração em instituições. Essa característica justifica a comparação aqui proposta: o antagonismo dos Amigos da Humanidade se manifesta nos mesmos repertórios – comícios, panfletos, milícias, candidaturas – com que movimentos da direita radical estadunidense disputavam o espaço público na década de 1990.

Esta investigação se debruça sobre o grupo antimutante Amigos da Humanidade e sobre as conexões políticas, mediadas por metáforas, entre ficção e realidade. Convém, neste ponto, delimitar o campo teórico dos estudos sobre política, como representação e ideologia, e o conceito de orientação política aqui analisado. A investigação aproxima elementos e características de duas expressões políticas, a Extrema Direita (Far-Right) e a Direita Alternativa (Alt-Right). A designação mais genérica, Extrema Direita, busca compreender a conexão exercida na globalização do radicalismo que pretende superar o conservadorismo tradicional (HAWLEY, 2017, p. 11) por meio de um reacionarismo de recalque identitário. Por isso, ao longo da argumentação, opta-se por ela.

Direita, Extrema Direita e Direita Alternativa não são, contudo, termos equivalentes, e é preciso distingui-los. Na formulação de Bobbio (1995), o critério que separa direita e esquerda é a atitude diante da igualdade: a direita tende a considerar naturais e, em larga medida, ineliminâveis as desigualdades entre os seres humanos, ao passo que a esquerda as entende como produto social a ser reduzido.

O autor acrescenta um segundo eixo, o da liberdade, que separa as posições moderadas das extremistas; a Extrema Direita combina

a defesa da desigualdade com o autoritarismo e a recusa das regras do jogo democrático. A Direita Alternativa, por sua vez, é uma expressão histórica específica e recente. Segundo Hawley (2017), o termo surgiu em 2008, foi difundido por Richard Spencer e designa um movimento difuso, nascido em ambientes digitais, que rejeita o conservadorismo tradicional do Partido Republicano e tem na identidade branca seu núcleo ideológico. Como as principais fontes desta investigação datam da década de 1990, seria anacrônico chamar os Amigos da Humanidade de Direita Alternativa. Seus correlatos naquele momento são o paleoconservadorismo de Patrick J. Buchanan, o nacionalismo branco de fóruns como o Stormfront e o movimento das milícias armadas, que cresceu após os cercos de Ruby Ridge, em 1992, e de Waco, em 1993, e culminou no atentado de Oklahoma City, em 1995 (HAWLEY, 2017; NEIWERT, 2017). A Direita Alternativa interessa a esta análise como herdeira desse repertório e, por isso, só é mencionada quando se trata de produções posteriores, como as de 2021 e 2024.

Há, neste processo analítico sobre a ficção de entretenimento, a intenção de exercitar uma abordagem crítica, sociopolítica e historiográfica, da vilania. Trata-se de um conceito amplo, oriundo da própria ficção, que dinamiza as relações políticas na concretude do real e interfere, por meio das representações e dos discursos, nas maneiras como as sociedades hierarquizam indivíduos, grupos e ideias. A investigação aqui proposta percorre, de modo avaliativo, a relação entre o grupo fictício Amigos da Humanidade e movimentos conservadores-reacionários.

Quanto aos procedimentos, a seleção das fontes obedeceu a três critérios. O primeiro foi a presença explícita dos Amigos da Humanidade, nomeados nas falas ou identificados pela insígnia; histórias com manifestações antimutantes sem vínculo com o grupo entram apenas como termo de comparação, caso de *God Loves, Man Kills*. O segundo foi o recorte cronológico de 1992 a 1997, que vai da criação do grupo nos quadrinhos ao fim da exibição original de *X-Men: The Animated Series*, período em que a organização teve maior presença nos títulos da franquia e passou das revistas à televisão. O terceiro foi a diversidade de suportes e de títulos: a revista principal, *The Uncanny X-Men*; títulos derivados, como *X-Force*, *X-Factor*, *X-Men Unlimited* e *The New Warriors*; a quadrinização da série animada em *X-Men Adventures II*; e os episódios televisivos. Edições posteriores, de 2008 e 2021, e a série *X-Men '97*, de 2024, comparecem para indicar a permanência do grupo e de seu repertório na memória da franquia,

sem integrar o núcleo do corpus. Indica-se em nota a publicação brasileira de cada edição, quando houve, o que permite acompanhar a circulação dessas representações no país.

A análise combinou dois procedimentos. O primeiro, de matriz iconográfico-iconológica, segue os três níveis propostos por Panofsky (2007): a descrição pré-iconográfica das formas visíveis (vestimentas, corpos, cenários, enquadramentos), a identificação iconográfica dos motivos convencionais (a águia, a bandeira estadunidense, a boina militar, a insígnia FOH) e a interpretação iconológica, que relaciona esses motivos aos valores de uma época, no caso, os repertórios visuais da direita radical estadunidense. O segundo, inspirado na Análise do Discurso, toma como objeto as falas das personagens, os panfletos, as faixas e as palavras de ordem, cotejados com os discursos de movimentos reais descritos pela bibliografia (HAWLEY, 2017; NEIWERT, 2017; WENDLING, 2018) e lidos à luz de suas condições de produção, isto é, do contexto editorial e político em que foram escritos. Os dois procedimentos se cruzam na noção de performance, pois a vilania dos Amigos da Humanidade se constrói ao mesmo tempo pelo que o grupo diz e pelo modo como se mostra. Por fim, quadrinhos e animações são examinados em seções distintas, já que cada linguagem dispõe de recursos próprios – a sequência de quadros e o balão, de um lado; o movimento, a voz e a trilha sonora, de outro – e a passagem de uma à outra implica escolhas de adaptação.

Preâmbulos de uma vilania anunciada

Em 20 de março de 2024, a Disney, detentora dos direitos da franquia X-Men, da Marvel, lançou a série animada *X-Men '97*. A proposta era um *revival* de *X-Men: The Animated Series*, exibida entre outubro de 1992 e setembro de 1997, com 76 episódios em cinco temporadas. Entre as inúmeras personagens, eventos e contextos que buscam produzir o reconhecimento e a memória afetiva do público, estão os chamados Amigos da Humanidade (*Friends of Humanity*).

Telespectadores que conheciam a animação dos anos 1990 reconheceram de imediato o grupo; os novos não tiveram dificuldade em entendê-lo. Os Amigos da Humanidade são um grupo de ódio que, na mitologia da franquia, persegue os chamados mutantes. Publicado desde 1963 (BREVOORT, 2008, p. 94), com roteiro de Stan Lee, arte

de Jack Kirby e arte-final de Paul Reinman (WOLK, 2023, p. 164), o grupo de super-heróis X-Men é formado por super-humanos (DOUGALL, 2008, p. 378-384) que intercedem em conflitos entre seres humanos convencionais e seres humanos mutantes[1].

O enredo central de *X-Men* se apropria de conflitos sociais e raciais latentes da segunda metade do século XX. Ainda que faltem documentos que atestem a intenção de metáforas específicas, como as de racialidade e sexualidade, as interpretações que as conectam à realidade são pertinentes quando se compreende a condição inapreensível do *clima de latência*, em processos nos quais "nós não temos razão – ao menos não razão sistemática – para acreditar que o que se tornou latente vá se mostrar algum dia ou ser completamente esquecido" (GUMBRECHT, 2010, p. 313). O confronto com alicerces conservadores geracionais transita entre a juventude transviada da contracultura, reconhecível nos jovens aprendizes de super-heróis, e "a metáfora multiforme para opressão e marginalização que estava embutida na premissa dos X-Men" (WOLK, 2023, p. 163), que autores, roteiristas e desenhistas souberam explorar durante décadas, com bastante sucesso.

É possível compreender as ressonâncias que o *clima de latência* produz na materialidade quando emerge. Como "não há maneira de isolar o que é latente" (GUMBRECHT, 2010, p. 313), cabe-nos alcançar as latências por suas disposições, como nas interseções entre os pontos de vista opostos do líder dos X-Men, o professor Charles Xavier, e de seu antagonista e amigo, Magneto, sobre as opressões vividas pelos mutantes. A longa luta política travada pela população negra nos Estados Unidos teve um ápice justamente em 1963, entre progressos louváveis para as populações racialmente subalternizadas e reacionarismos violentos de grupos supremacistas. Na mesma causa, ativistas de ideologias divergentes – um pintado heroicamente com cores pacifistas e cristãs, o outro vilanizado com hachuras armamentistas e islâmicas – revelam a precária proximidade entre o integracionista Martin Luther King Jr., com seu sonho de convívio entre as raças, e o radical Malcolm X, com sua militância (LEPORE, 2020, p. 662-673).

[1] Parte da apropriação de contextos sociais e raciais na construção metafórica de *X-Men* passa pelo debate sobre a analogia entre as categorias de raça e mutação, a classificação interespécie e a transformação do material genético. Um breve argumento sobre essas relações está no texto *X-Men: raça ou mutação*, disponível em: https://savioroz.wordpress.com/2016/11/30/x-men-raca-ou-mutacao/.

Cabe, porém, estabelecer a cronologia dessa associação. Nas histórias de Lee e Kirby não há referência explícita ao movimento pelos direitos civis, nenhum dos jovens mutantes é negro e Magneto aparece como um conquistador megalomaníaco que pretende submeter a humanidade à supremacia mutante, sem passado nem motivação política definidos (DAROWSKI, 2014). A leitura de Xavier como King e de Magneto como Malcolm X é uma construção posterior. Ganhou corpo com os roteiros de Chris Claremont nos anos 1980, que fizeram de Magneto um sobrevivente do Holocausto – revelação feita em *The Uncanny X-Men* n. 150, de 1981 – e deram a seu radicalismo raízes na experiência do genocídio, e se difundiu pela crítica, por declarações retrospectivas dos criadores e pelas adaptações cinematográficas a partir de 2000. Trata-se, portanto, de uma interpretação que a franquia incorporou ao longo de sua trajetória e projetou sobre suas origens, e não de uma intenção documentada em 1963. É nessa condição, como latência, que ela interessa aqui.

Se há proximidades latentes entre os agentes históricos e as representações metafóricas possíveis, elas também existem para o grupo de ódio e o movimento supremacista. Considerando o *clima de latência* como abordagem consciente da relação metafórica, a pauta antimutante está sintonizada com a Extrema Direita e sua essência racial (HAWLEY, 2017). Na metáfora de *X-Men*, os atravessamentos que definem a existência mutante funcionam como correlatos de marcadores sociais subalternizados: no encontro da fantasia com a biologia e a sociologia, evocam conceitos caros como igualdade e diferença, direitos individuais e identidades de grupo, que “não são opostos, mas conceitos interdependentes que estão necessariamente em tensão” (SCOTT, 2005, p. 14). São princípios que fundamentam a prática política de oposição à discriminação produzida por grupos favorecidos social e economicamente, interessados na hegemonia do poder: a elite (BOBBIO; MATTEUCCI; PASQUINO, 1998, p. 385-391). São conservadores-reacionários, aguerridos e violentos quando seus privilégios são ameaçados.

O grupo supremacista Amigos da Humanidade, na ficção dos X-Men, atende a tais premissas, e convém aqui seu mapeamento quantitativo e qualitativo. A começar pelas dificuldades: não se trata de um personagem unitário reconhecível, e sim de um grupo de indivíduos comuns, com ampla rotatividade e uma ou outra liderança de destaque. Em muitas narrativas desde seu surgimento, em meados de 1992, os Amigos da Humanidade apresentaram características discursivas e representativas equivalentes às de grupos conservadores-reacionários

da realidade, embora tenham sido muito mais mencionados do que mostrados. Para uma esquematização eficiente, mobilizam-se duas tipologias de fontes: 1) revistas de histórias em quadrinhos: *The Uncanny X-Men*, *X-Force*, *X-Men Adventures II* e *X-Men Unlimited*, entre outras; 2) animações: *X-Men: The Animated Series* e *X-Men '97*.

Os Amigos da Humanidade nos quadrinhos

Foi nas páginas das histórias em quadrinhos, como na maioria dos casos de personagens-produtos, que o grupo surgiu. Já existiam expressões e violências públicas antimutantes na ficção, mas foi na edição 291 de *The Uncanny X-Men*, de 1992[2], que o roteirista Scott Lobdell empregou o termo *Friends of Humanity* para designar um grupo organizado. Trata-se de um movimento que nasce subversivo. Em um interlúdio da narrativa central, na página 11, com arte de Tom Raney e Hilary Barta, o movimento supremacista se infiltra em instituições, como o asilo Eden Park Nursing Homes, e em outros espaços sociais e públicos, à semelhança de movimentos extremistas como a Ku Klux Klan (HAWLEY, 2017, p. 23), nos Estados Unidos, e o Comando de Caça aos Comunistas (LIMA, L., 2020, p. 66-67), no Brasil.

Além de um campo ideológico e de um grupo de ativismo social discriminatório, os Amigos da Humanidade assumem uma natureza paramilitar. Buscam ações violentas e arbitrárias, como se vê na abertura da narrativa *Prisoners of Fate*, na edição 24 de *X-Force*, de 1993[3]. Na história, escrita por Fabian Nicieza e ilustrada por Greg Capullo, com arte-final do estreante Richard Bennett, um grupo armado intercepta, na página 4, um transporte de segurança do governo para capturar e punir mutantes sob custódia. A X-Force, equipe aliada dos X-Men, efetua um resgate cuidadoso, pois o uso excessivo da força "só vai ajudar a causa deles"[4].

Se o nome Amigos da Humanidade busca angariar apoio pelo engodo suavizador, sua causa é assumida e claramente essencialista e conservadora-reacionária. Como no caso da Extrema Direita real (HAWLEY, 2017, p. 14-19), a causa principal do grupo é a manutenção de privilégios. Se na contraparte real, mais complexa, tais privilégios

[2] Publicada no Brasil pela editora Abril em *X-Men* n. 86, em dezembro de 1995.
[3] Publicada no Brasil pela editora Abril em *X-Men* n. 93, em julho de 1996.
[4] Tradução própria da fala "It's only gonna help their cause", de Samuel Guthrie, o Cannonball (no Brasil, Míssil), no segundo quadro da página 20 da edição citada.

pertencem a uma minoria numérica detentora do poder político, como homens brancos cisgêneros heterossexuais[5], o caso dos Amigos da Humanidade repousa na simplicidade da oposição entre humanos e mutantes. Ainda assim, por meio das representações, dos discursos e das performances, fica evidente a correlação entre engajamento discriminatório e proposição segregadora. A causa do grupo é defendida como justa em razão da ameaça que os mutantes representariam, alegorizada em seus superpoderes.

Nem toda reação dos oprimidos, evidentemente, é passiva ou pacífica, o que estimula um clima de tensão útil à dramaticidade do entretenimento. Assim como os sujeitos negros, pois "o preto representa o perigo biológico" (FANON, 2008, p. 143) diante da insegurança racial do branco, os mutantes foram construídos socialmente como violentos, sobretudo a partir de sua materialidade visualmente expressa e identificável. A violência do oprimido não se iguala à do opressor, como compreenderam de Malcolm X a Paulo Freire, porém os algozes farão alarde de tais atos. Logo nas primeiras páginas da edição 4 de *X-Men Unlimited*, de 1994[6], Mystique (Mística, na tradução brasileira) ameaça com uma arma um general estadunidense que fornecia armamento para a "guerra pela pureza genética"[7] dos Amigos da Humanidade. Scott Lobdell retoma o movimento supremacista nessa história, intitulada *Theories of Relativity*, e enriquece sua representação.

Ideologias identitárias conservadoras-reacionárias antagonizam facilmente um princípio basilar da concepção democrática de um regime sociopolítico. Como todo produto social a que chamamos autoritarismo (ROLLEMBERG; QUADRAT, 2010, p. 11), seu objetivo é crescer e se fortalecer no ambiente social e nas instituições públicas. Em sua busca pelo poder, as extremas direitas da realidade e da ficção recorrem a representações e discursos que revelam finalidades e valores de natureza segregadora e antidemocrática. Em síntese, nas palavras de Bobbio:

[5] Padrão representativo de fácil reconhecimento, apesar da possibilidade de diversidade, com negros e mulheres, como se vê nas páginas 13 e 14 de *X-Factor* n. 119, com data de capa de fevereiro de 1996, roteiro de Howard Mackie, arte de Steve Epting e arte-final de Al Milgrom: homens brancos, musculosos e agressivos atacam mutantes em uma boate. A edição foi publicada no Brasil pela editora Abril em *X-Men* n. 115, em maio de 1998.
[6] Publicada no Brasil pela editora Abril em *Wolverine* n. 57, em novembro de 1996.
[7] Tradução própria do trecho "War for genetic purity", dito por Mística na página 3 da edição citada.

> O princípio desses fins ou valores, adotado para distinguir não mais só formalmente, mas também conteudisticamente um regime democrático de um regime não democrático, é a igualdade, não a igualdade jurídica introduzida nas Constituições liberais mesmo quando estas não eram formalmente democráticas, mas a igualdade social e econômica
> (BOBBIO, 2022, p. 206).

A presença dos Amigos da Humanidade nas histórias em quadrinhos dos X-Men ocorre de diversas maneiras. Como já comentado, o grupo pode aparecer apenas em menções nas falas de personagens ou em panfletos convidativos[8], mas está expressa e significativamente presente em assembleias públicas e movimentos de rua. Longe de uma interpretação ingênua,

> precisamos lembrar que a frase “corpos nas ruas” pode se referir, do mesmo modo, a manifestações da direita, a soldados militares armados para reprimir manifestações ou tomar o poder, a grupos de linchamento ou a movimentos populistas anti-imigração que ocupam o espaço público (BUTLER, 2019, p. 138).

Diversas vezes, para criar o contexto de discriminação dos mutantes, movimentos de rua e assembleias populares aparecem nas páginas das histórias em quadrinhos carregando faixas, ostentando brasões e símbolos, como a águia, a bandeira estadunidense e a insígnia dos Amigos da Humanidade (Figura 1), e proferindo palavras de ordem e discursos de ódio.

Figura 1 – Logotipo dos Amigos da Humanidade (*Friends of Humanity*)



Nota: no logotipo, identificam-se a sigla FOH (*Friends of Humanity*) e a águia estilizada em vermelho e azul que forma a insígnia.
Fonte: *The Uncanny X-Men*, n. 291, ago. 1992.

[8] Como na página 29 de *X-Force* n. 24, já citada.

Muitas outras publicações recorreram a essa performance pública para construir o clima sociopolítico de discriminação e perseguição. Em *The New Warriors* n. 34, de janeiro de 1994, com roteiro de Nicieza[9], um grupo raivoso de membros dos Amigos da Humanidade vai à porta da prisão A Gruta (*The Vault*) protestar contra um mutante em liberdade condicional e, depois, à porta da casa de uma mulher que vai gerar um filho mutante. Quando o grupo é confrontado pelo super-herói Justiça (*Justice*), Vance Astrovik, filho de judeus, uma integrante da organização afirma que "mutantes são nazistas genéticos, nascidos e criados para acreditar que são superiores aos seres humanos"[10], em total inversão dos discursos. Em *X-Force* n. 40, com data de capa de setembro de 1994, Nicieza volta a usar os Amigos da Humanidade em uma assembleia de protesto diante de uma delegacia, aos olhos da mídia, e aproveita para criticar as performances públicas da instituição policial, como na 44ª delegacia, no Bronx, em Nova York[11].

Com a temática da discriminação, a franquia dos X-Men apresentou diversos movimentos públicos de ódio aos mutantes. Alegóricas e contextuais, muitas revistas das décadas de 1980 e 1990 trouxeram tais representações. A edição 5 da *Marvel Graphic Novel*, intitulada *X-Men: God Loves, Man Kills*, escrita por Chris Claremont, com arte de Brent Eric Anderson, publicada em 1982[12], deixa a metáfora racial bastante evidente em suas primeiras páginas: potencializa a assembleia popular por meio do fundamentalismo religioso e produz uma metáfora do período em que "a Klan aterrorizava o interior do país, incendiando casas, caçando, torturando e matando pessoas" (LEPORE, 2020, p. 369), agora com grupos antimutantes. A chamada Cruzada Stryker, promovida pelo reverendo William Stryker, reunia políticos, lideranças religiosas e massas de anônimos[13]. Diferentemente do anonimato dessas presenças em muitas edições, em *X-Men Adventures II* n. 10, de novembro de 1994[14], o atentado e a assembleia popular ocorrem sob a insígnia dos Amigos da Humanidade.

[9] Publicada no Brasil pela editora Abril em *A Teia do Aranha* n. 86, em dezembro de 1996.
[10] Tradução própria do trecho "Mutants are genetics nazis, born and bred to believe they are superior to human beings", no segundo quadro da página 15 da edição citada.
[11] Página 18 da edição citada.
[12] No Brasil, a edição especial foi publicada pela editora Abril no primeiro número da série Graphic Novel, com o título *X-Men: o conflito de uma raça*, em janeiro de 1988. A publicação mais recente no país saiu em março de 2025, pela Panini Comics, em *Os Fabulosos X-Men – Edição Definitiva* n. 10, com o título *Deus ama, o homem mata*.
[13] Apenas o núcleo da Cruzada Stryker tinha a denominação *Purifiers* (Purificadores), identificados na trama pelas vestimentas negras de traços militares.
[14] Publicada no Brasil pela editora Abril em *X-Men Adventures III* n. 1, em abril de 1996.

Dos quadrinhos à televisão: os Amigos da Humanidade nas animações

O sucesso comercial de *X-Men* alcançou uma diversidade maior de suportes midiáticos e ampliou o alcance de seus alicerces narrativos. Das páginas das histórias em quadrinhos para a televisão e o cinema, os movimentos de rua de grupos de ódio e os próprios Amigos da Humanidade foram incorporados. A citada *X-Men Adventures II* n. 10 é a quadrinização do episódio 23 de *X-Men: The Animated Series* (segunda temporada), exibido em 15 de janeiro de 1994. Na trama[15], *Beauty & the Beast*, os Amigos da Humanidade são o grupo antagonista dos X-Men, promovem um atentado a um hospital e têm seu quartel-general descoberto.

Alguns pontos merecem exame nas representações e nos discursos dessa publicação. A sede secreta dos Amigos da Humanidade é descoberta por Wolverine, que se infiltra passando-se por humano, graças a seus traços físicos[16]. Entre os membros dos X-Men, mesmo entre aqueles cuja fisicalidade pode esconder a condição racial-evolutiva, Wolverine tem ainda o acréscimo de uma expressiva masculinidade hegemônica (LIMA, S., 2020), o que o conecta à presença masculina, cisgênera e heteronormativa do populismo de Extrema Direita diante da perda de privilégios de gênero e sexualidade (BROWN, 2019, p. 13, 58, 202, 210, 215) no nascedouro do neoliberalismo, nos anos 1990. Noutro recorte, o autoproclamado líder, Graydon Creed Jr., descreve os Amigos da Humanidade como "uma organização devotada à completa separação entre homens e mutantes (…) embora você nunca vá ouvir isso destes lábios em público"[17], o que enfatiza o sentido secreto da agenda conspiratória no imaginário social (NEIWERT, 2017, p. 47) e sua natureza subversiva e antidemocrática de assembleia (WENDLING, 2018).

A narrativa *Beauty & the Beast*, na animação e em sua quadrinização, não é, contudo, a única com presença dos Amigos da Humanidade na televisão. Em *X-Men: The Animated Series*, na história *Till Death Do Us Part* (*Até que a morte nos separe*), dividida

[15] Direção de Larry Houston e roteiro de Stephanie Mathison.

[16] Diferentemente do que acontece com um humano que, por ter problemas físicos visíveis no rosto, é confundido com um mutante pelos Amigos da Humanidade na página 15 de *X-Force* n. 56, com data de capa de julho de 1996, publicada no Brasil pela editora Abril em *Fator X* n. 18, em agosto de 1998.

[17] Tradução própria do trecho "an outfit devoted to the full separation of man and mutant. Though you'll never hear that from these lips in public", fala de Graydon Creed no primeiro quadro da página 12 da edição citada.

nos episódios 14 e 15[18], na segunda temporada, o grupo de ódio estreia com seu padrão estético masculinista e violento (Figura 2). Robert Jefferson Kelly, que se tornará presidente dos Estados Unidos com uma campanha antimutante, muda de postura política depois de ser salvo pelos X-Men. A facção radical de Creed Jr., sentindo-se traída, elabora uma farsa para culpar os mutantes e provocar protestos nas ruas. Seus membros usam a mídia para construir narrativas favoráveis à causa[19], atacam estabelecimentos comerciais e eventos sociais que atendem mutantes e investem com violência contra o Centro de Acolhimento aos Mutantes[20].

Figura 2 – A aparição dos Amigos da Humanidade na série animada dos X-Men



Nota: na animação de 1993, os Amigos da Humanidade aparecem com vestimenta masculinista e traços de milícia, com boinas e coletes utilitários sem mangas. A estética de subcultura de rua e a padronização identitária são comuns a movimentos supremacistas.
Fonte: *X-Men: The Animated Series*, episódio 14 (segunda temporada), exibido em 23 de outubro de 1993.

[18] Ambos os episódios tiveram direção de Larry Houston e roteiro de Mark Edward Edens.
[19] Aos 7min07s e, depois, aos 11min05s, por meio do noticiário de TV (episódio 14, exibido pela primeira vez em 23 de outubro de 1993).
[20] Aproximadamente entre 6min20s e 7min06s do episódio 14, os Amigos da Humanidade iniciam suas ações violentas contra indivíduos mutantes e instituições sociais; aos 16min17s, ocorre o ataque ao Mutant Counseling Center, acima traduzido.

O conjunto de conexões metafóricas entre a ficção e a realidade social e política do período se amplia. Foi na década de 1990, por exemplo, que fóruns como o *Stormfront*, com o lema "Orgulho Branco Mundial" (*White Pride Worldwide*), propagaram seu ideário racista; que surgiu a New Century Foundation, cuja publicação, *American Renaissance*, divulgava e promovia a supremacia branca por meio do pseudoconceito de "realismo racial" (*race realism*), sob a liderança de Jared Taylor; e que a xenofobia se inseriu no campo político-jurídico (HAWLEY, 2017, p. 19, 26-27). Nas histórias em quadrinhos (e, por conseguinte, na animação), os Amigos da Humanidade pretendem conquistar, por meio do pânico, a sociedade e seu apoio público e político[21]. Na fantasia super-heroica, seu líder, Creed Jr., propagou suas ideias em programas de entrevistas como *The Oprah Winfrey Show*, *The Geraldo Rivera Show* e *The Phil Donahue Show*[22].

O poder da performance é evocado a todo momento na ficção de *X-Men*, na exploração da assembleia do ódio antimutante, da masculinidade e do ufanismo. No padrão estético dos membros dos Amigos da Humanidade, vemos boinas militares verdes e jaquetas de tecido grosso, em cores sóbrias, sobre camisas brancas com o símbolo do grupo: uma águia dividida horizontalmente em vermelho, na parte de cima, e azul, na de baixo, com a sigla FOH em branco sobreposta. Na hegemonia masculina do grupo, compreende-se que "dizer que o gênero é performático é dizer que ele é um certo tipo de representação" e que, diante da exibição de traços exacerbados de masculinidade hegemônica, "a reprodução do gênero é, portanto, sempre uma negociação com o poder" (BUTLER, 2019, p. 39). Em suas performances ufanistas, nacionalistas e patrióticas, os Amigos da Humanidade se aproximam de movimentos da Extrema Direita, já que ambos se afinam com o conservadorismo tradicional quando lhes convém (HAWLEY, 2017, p. 60).

Para o populismo de Extrema Direita e para movimentos supremacistas, sobretudo quando visam interferir na política, o papel do líder é importante. Os Amigos da Humanidade seguem um ou mais líderes carismáticos, empenhados na causa antimutante e com vocação política para o conflito e a guerra (WEBER, 1982, p. 100), ainda que nas sombras conspiratórias da ilegitimidade. Em reuniões secretas em um velho cinema, com o brasão-insígnia estampado no palco, Creed Jr. chama a condição mutante de doença; questionado

[21] Como resume o verbete *Friends of Humanity* do site Villains Wiki (Fandom), disponível em: https://villains.fandom.com/wiki/Friends_of_Humanity.
[22] Nicieza insere essas situações na página 3 de *The New Warriors* n. 43.

pela personagem Jubileu sobre o ódio contra os mutantes, responde: "Simplesmente vocês nasceram"[23]. Se a morte de Creed Jr. é simbólica na animação, com a revelação de que ele é filho de Dentes-de-Sabre e Mística, no já tratado episódio 23 de *X-Men: The Animated Series*, *Beauty & the Beast*, nas histórias em quadrinhos o supremacista é morto durante sua campanha presidencial[24]. Outras lideranças passaram pelos Amigos da Humanidade, como Donovan Zane e Peter Krane.

A metáfora se torna o mecanismo narrativo mais eficiente em *X-Men*, ao transladar os signos dos marcadores sociais para a fantasia e a ficção científica. O conservadorismo-reacionarismo se expressa sem rodeios na representação iconográfica do pai da personagem Vampira (*Rogue*) no episódio 22 de *X-Men: The Animated Series*[25]. Em *A Rogue's Tale*, dirigido por Larry Houston e roteirizado por Robert N. Skir e Marty Isenberg, as memórias da personagem trazem a figura do pai, furioso com a condição mutante da filha: "Sangue do meu sangue, uma mutante? Você é uma desgraça, tenho vergonha de ser visto com você! Não é mais minha filha!". O mais significativo é sua aparência: homem grande, corpulento, de farta barba ruiva, calça jeans, camisa verde com um maço de cigarros na manga dobrada e boné azul-escuro com a bandeira dos Estados Unidos. O preconceito tem características visuais reconhecíveis no processo adaptativo da metáfora.

Os alicerces políticos dos Amigos da Humanidade e do movimento antimutante se coadunam com a estrutura fundante da Extrema Direita. As histórias em quadrinhos são fruto de contextos e trazem consigo inúmeras possibilidades ideológicas, valores de grupos, saberes sociais, restrições e preconceitos. Na década de 1990, os conservadores republicanos viveram disputas internas que deram destaque aos paleoconservadores, como Patrick J. Buchanan, corrente que Hawley inclui entre os antecedentes da futura Direita Alternativa (HAWLEY, 2017, p. 31). Posições radicais sobre política monetária, restrições imigratórias e tradicionalismos culturais que envolvem diversas camadas identitárias, como os negros e as sexualidades dissidentes, estavam nos discursos da Extrema Direita. Trata-se de mais um conjunto de elementos e signos que compõem

[23] Por volta de 4min31s e 5min20s do episódio 15, exibido pela primeira vez em 30 de outubro de 1993.
[24] Em *X-Factor* n. 130, com roteiro de Howard Mackie, arte de Eric Battle e arte-final de Al Milgrom, datada de janeiro de 1997. A editora Abril publicou a história no Brasil em *Wolverine* n. 83, em janeiro de 1999.
[25] Corresponde ao episódio 9 da segunda temporada, exibido em 8 de janeiro de 1994.

a iconografia e a performatividade da Extrema Direita e que marcam, na ficção, seu reconhecimento como vilania.

Conclusão

A vilania é política quando a seiva da oposição se compõe de elementos característicos da luta pelo poder, lidos como opressores ou segregadores. Como propõe a Nova História Política, o político, que flutua como abstração, condensa-se e solidifica-se nas relações sociais e cotidianas (RÉMOND, 2003, p. 442). Se o grupo super-heroico protagonista, os X-Men, é marcado por sociabilidades que o subalternizam, seus antagonistas, os Amigos da Humanidade, são marcados por condições sociais de preponderância e privilégio. Com o passar do tempo, a franquia X-Men, na indústria cultural das histórias em quadrinhos da Marvel, alicerçou-se nesse construto metafórico.

Em 2008, saiu a edição 3 da nova revista *X-Force*, com roteiro de Christopher Yost e arte de Clayton Crain[26]. Nela retorna um grupo religioso antimutante, os Purificadores, que organizam o Conselho Humano (*Human Council*) e convocam extremistas como Donald Pierce, líder dos Carniceiros (*Reavers*); a Rainha Leprosa (*Leper Queen*), líder da Liga Sapien (*Sapien League*); Bolivar Trask, inventor dos Sentinelas; Cameron Hodge, líder da Direita (*the Right*); Bastion, executor da Operação Tolerância Zero (*Operation: Zero Tolerance*); e os ressuscitados Graydon Creed e reverendo William Stryker. São facilmente identificáveis como perversos homens brancos (e uma mulher branca) que se associam em nome da exclusão dos mutantes.

Figura 3 – O Conselho Humano: lideranças extremistas



Nota: características visuais predominam nos representantes dos muitos movimentos antimutantes, aqui reunidos em assembleia.
Fonte: *X-Force* (v. 3), n. 3, jun. 2008.

[26] Publicada no Brasil pela editora Panini em *X-Men Extra* n. 90, em junho de 2009.

Não é difícil reconhecer as características dessas lideranças em discursos e performances de lideranças da Extrema Direita dos Estados Unidos no século XX. Há uma evidente relação metafórica de apropriação social da política de luta de minorias em *X-Men* e, por conseguinte, de similitude entre seus algozes e movimentos conservadores-reacionários de supremacia branca, masculina e heterossexual. O tema do ódio humano contra mutantes é recorrente à exaustão[27], um fio condutor dramático de longa duração[28]. Para funcionar, é fundamental que produza uma *catarse coletiva*, pois "em toda sociedade, em toda coletividade, existe, deve existir um canal, uma porta de saída, através do qual as energias acumuladas, sob forma de agressividade, possam ser liberadas" (FANON, 2008, p. 130), sejam elas dos opressores ou dos oprimidos.

O confronto com movimentos identitários que subvertem a lógica essencialista conecta a realidade social, política e histórica à ficção. Para os Amigos da Humanidade, a Ku Klux Klan ou a mais atual Direita Alternativa, o diferente é o inimigo, o que escamoteia o medo do privilégio perdido. Na definição biológica, "o mutante é um indivíduo, que tem alguma de suas características modificadas como resultado de uma mutação genética que ocorre em nível do DNA, por uma alteração num gene ou num cromossoma" (ROSARIO; MACHADO, 2009, p. 2). Tais grupos supremacistas partem do pressuposto essencialista de que "a vida é determinada pela genética" (BROWN, 2019, p. 57) e de que esses padrões estão mais sintonizados com políticas conservadoras-reacionárias.

Essa história do tempo presente não esmaece com o passar dos anos; ao contrário, fortalece-se nas décadas seguintes e marca nossa contemporaneidade. Na edição 27 de *Captain America*[29], o roteirista Ta-Nehisi Coates e o artista Leonard Kirk, para construir a correlação metafórica entre a realidade política e a política na ficção, evocam grupos extremistas como os Amigos da Humanidade. A capa de Alex Ross apresenta o Capitão América enfrentando homens brancos adultos,

[27] Como observa a crítica do blog *XmenXpert – A Review of the X-Men from the Beginning*, de 15 de agosto de 2018, disponível em: https://xmenxpert.wordpress.com/2018/08/15/x-men-comics-of-august-15-2018/.

[28] As relações entre perseguição antimutante e direitos dos mutantes são discutidas no texto *People's History of the Marvel Universe, Week 22: Anti-Mutant Prejudice and Mutant Rights in the Longue Durée*, publicado no blog *Graphic Policy – Where Comic Books and Politics Meet* em 14 de dezembro de 2023, disponível em: https://graphicpolicy.com/2023/12/14/peoples-history-of-the-marvel-universe-week-22-anti-mutant-prejudice-and-mutant-rights-in-the-longue-duree/.

[29] Corresponde ao volume 9 da série, originalmente publicado em abril de 2021; saiu no Brasil pela editora Panini em *Os Vingadores* n. 33, em novembro do mesmo ano.

um deles com uma camisa estampada com uma águia de estética nazifascista e outro, na margem da imagem, com a bandeira dos Confederados tatuada na cabeça. Longe da mera gratuidade, as representações descrevem os movimentos da Direita Alternativa em sua passagem das redes sociais às ruas e às urnas, com o ódio e a violência que lhes são característicos (HAWLEY, 2017; NEIWERT, 2017; WENDLING, 2018; BROWN, 2019).

A correspondência discursiva e iconográfico-iconológica entre a Extrema Direita da realidade e a da ficção é irredutível. Quando o editor do blog *Things To Do In L.A.*, Jonathan Bilski, participou da *WonderCon* de 2024, escolheu vestir-se, por diversão e de forma caricata, como um membro do grupo fictício Amigos da Humanidade. Poderia ser, no entanto, qualquer membro de grupos racistas, masculinistas ou de qualquer tendência conservadora-reacionária supremacista. É inegável a natureza antidemocrática da Extrema Direita representada nos Amigos da Humanidade, se compreendemos "que qualquer versão de 'o povo' que exclua uma parte do povo não é inclusiva e, portanto, também não é representativa" (BUTLER, 2019, p. 10-11). Para os metafóricos Amigos da Humanidade, os mutantes e todas as suas possibilidades são lidos como não cidadãos, como não gente, como a eterna ameaça a privilégios supostamente dados por Deus e pela natureza.

REFERÊNCIAS

BOBBIO, Norberto. **Direita e esquerda**: razões e significados de uma distinção política. Tradução de Marco Aurélio Nogueira. São Paulo: Editora UNESP, 1995.

BOBBIO, Norberto. **Estado, governo, sociedade**: fragmentos de um dicionário político. Tradução de Marco Aurélio Nogueira. 26. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2022.

BOBBIO, Norberto; MATTEUCCI, Nicola; PASQUINO, Gianfranco (org.). **Dicionário de política**. Tradução de Carmen C. Varriale *et al*. Coordenação da tradução de João Ferreira. Revisão geral de João Ferreira e Luís Guerreiro Pinto Cacais. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1998. v. 1.

BREVOORT, Tom *et al*. **Marvel chronicle**: a year by year history. London; New York: DK Publishing, 2008.

BROWN, Wendy. **Nas ruínas do neoliberalismo**: a ascensão da política antidemocrática no Ocidente. São Paulo: Filosófica Politeia, 2019.

BUTLER, Judith. **Corpos em aliança e a política das ruas**: notas para uma teoria performativa de assembleia. Tradução de Fernanda Siqueira Miguens. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2019.

DAROWSKI, Joseph J. **X-Men and the mutant metaphor**: race and gender in the comic books. Lanham: Rowman & Littlefield, 2014.

DOUGALL, Alastair. **The Marvel Comics encyclopedia**: the definitive guide to the characters of the Marvel Universe. London; New York: DK Publishing, 2008.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Tradução de Renato da Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008.

FAWAZ, Ramzi. **The new mutants**: superheroes and the radical imagination of American comics. New York: New York University Press, 2016.

GUMBRECHT, Hans Ulrich. Uma rápida emergência do "clima de latência". **Topoi.** Rio de Janeiro, v. 11, n. 21, p. 303-317, jul.-dez. 2010. Disponível em: https://www.scielo.br/j/topoi/a/VF5TFNdpVqW3PpqZj9wHFPg/.

HAWLEY, George. **Making sense of the alt-right**. New York: Columbia University Press, 2017.

LEPORE, Jill. **Estas verdades**: a história de formação dos Estados Unidos. Tradução de André Czarnobai e Antenor Savoldi Jr. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2020.

LIMA, Luiz Octavio de. **Os anos de chumbo**: a militância, a repressão e a cultura de um tempo que definiu o destino do Brasil. São Paulo: Planeta do Brasil, 2020.

LIMA, Savio Queiroz. Um homem como Wolverine: as masculinidades transitáveis em um personagem da ficção de entretenimento. In: SEMINÁRIO DE HISTÓRIA E GÊNERO: GÊNERO, DITADURA E AUTORITARISMO, 2., 2020, Fortaleza. **Anais** […]. Fortaleza: UFC, 2020. Disponível em: https://3ad43db3-ed90-4daa-8072-ca99c9b0209c.filesusr.com/ugd/0daa97_64c20c98c04243e1a9e77cac1df67f2a.pdf.

NEIWERT, David. **Alt-America**: the rise of the radical right in the age of Trump. London; New York: Verso, 2017.

PANOFSKY, Erwin. **Significado nas artes visuais**. Tradução de Maria Clara F. Kneese e J. Guinsburg. 3. ed. São Paulo: Perspectiva, 2007.

RÉMOND, René. Do político. In: RÉMOND, René (org.). **Por uma história política**. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003. p. 441-450.

ROLLEMBERG, Denise; QUADRAT, Samantha Viz. Apresentação: memória, história e autoritarismo. In: ROLLEMBERG, Denise; QUADRAT, Samantha Viz (org.). **A construção social dos regimes autoritários**: legitimidade, consenso e consentimento no século XX – Brasil e América Latina. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.

ROSÁRIO, Nísia Martins do; MACHADO, Ricardo de Jesus. Atualizações audiovisuais, semioses e devires: somos todos mutantes. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 32., 2009, Curitiba. **Anais [...]**. São Paulo: Intercom, 2009. p. 1-15. Disponível em: https://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2009/resumos/R4-2873-1.pdf. Acesso em: 29 out. 2026.SCOTT, Joan W. O enigma da igualdade. **Revista Estudos Feministas.** Florianópolis, v. 13, n. 1, p. 11-30, jan.-abr. 2005.

WEBER, Max. **Ensaios de sociologia**. Tradução de Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: LTC, 1982.

WENDLING, Mike. **Alt-right**: from 4chan to the White House. London: Pluto Press, 2018.

WOLK, Douglas. **Todas as aventuras Marvel**. Tradução de André Gordirro. São Paulo: Conrad, 2023.